

A casa Sousa, um modelo de acumulação mercantil da América Portuguesa

Maria Lucília Viveiros Araújo

O brigadeiro Luís Antônio Macedo de Sousa foi negociante na capitania de São Paulo da segunda metade do século XVIII a 1819. Primeiramente, intermediou as trocas das minas de Mato Grosso, passou para os negócios do açúcar e importação de fazendas secas, criando assim uma extensa rede de negócios que lhe permitiu instalar o maior conjunto de engenhos da capitania. Nossa comunicação propõe analisar seus diversos negócios, as alianças comerciais e políticas, para caracterizar parte do processo de acumulação de riqueza dessa época.

Palavras-chave: riqueza e acumulação, negócios coloniais, História da América Portuguesa, História empresarial, História econômica.

Maria Lucília Viveiros Araújo
Doutora em história pela Universidade de São Paulo.
Pós-doutoranda da FEA-USP.
Rua Rodésia, 161 ap. 84.
05435-020
São Paulo – capital
mlucilia@yahoo.com.br

A casa Sousa, um modelo de acumulação mercantil da América Portuguesa

O brigadeiro Luís Antônio Macedo de Sousa foi negociante na capitania de São Paulo da segunda metade do século XVIII a 1819. Primeiramente, intermediou as trocas das minas de Mato Grosso, passou para os negócios do açúcar e importação de fazendas secas, criando assim uma extensa rede de negócios que lhe permitiu instalar o maior conjunto de engenhos da capitania. Nossa comunicação propõe analisar seus diversos negócios, as alianças comerciais e políticas, para caracterizar parte do processo de acumulação de riqueza dessa época.

Palavras-chave: riqueza e acumulação, negócios coloniais, micro-história, História econômica, História da América Portuguesa.

Esta comunicação é parte de uma pesquisa sobre a rede de negócios de São Paulo e a acumulação mercantil do século XIX. Pretendemos analisar os diferentes negócios da praça de São Paulo, seus agentes, padrões de recrutamento, e caracterizar o comportamento empresarial da época.

O brigadeiro Luís Antônio de Sousa foi o mais bem-sucedido negociante de São Paulo, da passagem do século XVIII para o XIX. Ele acumulou uma fortuna que propiciou o desenvolvimento de uma “dinastia” de cafeicultores do Oeste Paulista no decorrer do século XIX. A Unicamp e a Faculdade Luís de Queirós, por exemplo, estão instaladas sobre as antigas sesmarias dessa família. Pretendemos aqui reconstituir suas estratégias e negócios. No entanto, dada a falta de documentação pessoal para os estudos empresariais dos primeiros séculos da colonização, iremos comentar algumas fontes e técnicas de pesquisa que podem fornecer indícios sobre as antigas práticas comerciais.

Estaremos empregando o termo riqueza como conjunto dos bens econômicos acumulados por um indivíduo, sinônimo de patrimônio e fortuna. Utilizamos no estudo principalmente os inventários *post-mortem* dos membros da família e de outros moradores de São Paulo.

Faremos uma apresentação da literatura que estudou a vida e os engenhos do brigadeiro Luís Antônio. Explanaremos sobre a documentação e as memórias. Exporemos os principais fatos da história de vida e, por fim, iremos refletir sobre esses dados.

Histórias, biografias e memórias

Nenhuma biografia sobre o brigadeiro foi publicada no século XIX. No entanto, o major de engenheiros, Luís D'Alincourt, na viagem de Santos para Cuiabá de 1818, quando passava por Campinas, enumerou os engenhos dos irmãos Sousa de Queirós, abençoados pela fortuna¹.

Em 1882, o contraparente do brigadeiro, comendador Albino José Barbosa de Oliveira, casado com a neta Isabel Augusta Sousa Queirós, filha de Francisca Miquelina (1808-1831) e de Francisco Inácio de Sousa Queirós (1789-1830), redigiu um livro de memórias. Nas *Memórias do magistrado do Império* reservou 12 páginas para descrever a família Barros e Sousa de Queirós. Sua narrativa segue uma ordem cronológica, com lacunas, explicando fatos da história da família Sousa de Queirós e o rápido enriquecimento do brigadeiro². O comendador ateve-se principalmente na tradição nobiliárquica dos seus e da esposa.

Affonso Taunay escreveu, em todas as suas obras sobre o século XVIII e XIX, passagens reveladoras do pioneirismo empresarial do brigadeiro³. No entanto, esse historiador não costumava indicar suas fontes, logo não sabemos se os fatos apontados em seus livros foram localizados em documentos já extraviados ou foram relatados por familiares. Ele computou ao brigadeiro a criação da primeira caderneta de poupança da cidade, onde os correntistas depositavam seus haveres e recebiam, após um tempo, pequena remuneração de juros como recompensa. Informou também dos contratos reais arrematados pelo negociante.

Nos anos 1960, Sérgio Buarque de Holanda dirigiu a coleção de História Geral da Civilização Brasileira. Parte significativa dos capítulos sobre o Período Imperial foi redigido pelo historiador. Nas *origens das dinastias açucareiras e cafeeiras*, traça o perfil do lavrador paulista a partir da história de vida dos irmãos Francisco Antônio de Sousa e Luís Antônio de Sousa⁴. Os capítulos sobre São Paulo estão detalhados com informações e números sem notas. Parece-nos que Oliveira, Taunay e Holanda reinterpretam as mesmas informações.

¹ D'ALINCOURT, Luiz. *Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá* (1ª ed. 1825). SP: Comissão IV Cent. da cidade de São Paulo, 1953.

² OLIVEIRA, Albino Jose Barbosa de, conselheiro. *Memórias de um magistrado do Império*. SP: Nacional, 1943.

³ TAUNAY, Affonso de E. *História colonial da cidade de São Paulo no século XIX*. Vol. III. SP: Div. Arquivo Histórico, 1956.

⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.). *História geral da civilização brasileira*. T. II (Brasil Monárquico), vol. 2. São Paulo: Difel, 1964. p. 454.

Na mesma época, Maria Celestina T. M. Torres publicou um artigo sobre os lavradores paulistas do tempo do Império⁵. Para escrever a biografia de Luís Antônio de Sousa Barros, filho mais novo do brigadeiro, essa pesquisa retomou e ampliou as idéias gerais apresentadas na obra de Holanda. Mendes Torres enumerou as propriedades e os incidentes dos Sousa de Queirós. Relatou as revoltas de escravos ocorridas na fazenda Monjolinho de São Carlos de propriedade do brigadeiro. Enumerou os herdeiros do brigadeiro⁶.

Nos anos 1980, Nanci Leonzo escreveu um artigo de síntese dessas informações, visando a restituir a história de vida do coronel de milícias, Luís Antônio de Sousa⁷.

Na tese sobre os negociantes paulistas de 1808 a 1822, William Puntchart apresentou importante material sobre o comércio e as transações comerciais em São Paulo do acervo do Arquivo Histórico Ultramarino, confirmando assim que o brigadeiro Luís Antônio teria arrematado vários contratos de diferentes impostos⁸.

Finalmente, nossa tese de 2003 apresentou uma série de dados sobre o espólio da família Sousa de Queirós e sua participação na vida econômica da capital⁹. Pretendemos aqui analisá-los detalhadamente e refletir sobre essa riqueza e sua pertinência.

Documentação

O comendador Albino José Barbosa de Oliveira (1809-1889), casado com Isabel Augusta Sousa Queirós, relatou nas suas memórias os fatos contados pelo grupo familiar da sua esposa, mas ele não conheceu o avô da esposa, Luís Antônio de Sousa (1754-1819), nem o pai dela, Francisco Inácio de Sousa Queirós (1789-1830). Suas informações foram fornecidas pela segunda e terceira geração dos Sousa de Queirós. Além disso, os filhos varões do brigadeiro foram educados pelo padrasto, o dr. José da Costa Carvalho (1796-1860). As lembranças desses filhos deviam ser parte de

⁵ TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. Um lavrador paulista no tempo do Império. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. 172, ano 30, p. 191-262, 1967.

⁶ Francisca Miquelina casada com o primo Francisco Inácio de Sousa, com as fazendas de Morro Grande e Morro Alto; Ilidia Mafalda casada com o desembargador Estevão Ribeiro de Rezende, com a fazenda São Pedro de Piracicaba e Santa Genebra de Campinas; Francisco ou senador Sousa Queirós casado com a sobrinha Francisca Miquelina; Luís Antonio de Sousa Barros casado em 1ª núpcias com a sobrinha Ilidia Mafalda e 2ª núpcias com Felicíssima de Campos; Vicente, barão de Limeira, casado com a prima Francisca de Paula Sousa; Maria Inocência, demente, com a fazenda Tapera de Campinas.

⁷ LEONZO, Nanci. Um empresário nas milícias paulistas: o brigadeiro Luís Antonio de Souza. *Anais do Museu Paulista*, SP, Tomo 30, p.241-54, 1981.

⁸ PUNTCHART, William. *Negócios e negociantes paulistas: 1808-1822*. São Paulo, 1998. Tese (doutorado) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

⁹ ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros. *Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do Oitocentos*. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2006.

informações de Genebra de Barros Leite (1782- 1836) e outra parte de relatos de Costa Carvalho, também, de amigos e vizinhos. Os dados mais fidedignos deviam ser de Estevão Ribeiro de Rezende (1777-1856), casado com a segunda filha do brigadeiro, Elídia Mafalda de Souza (1805-1877), ou dos administradores do brigadeiro, contudo, o comendador era de família da Bahia, no cumprimento de sua carreira viveu em diversas províncias, deve, pois, ter convivido pouco com essas pessoas. Ao publicar suas memórias em 1882, muitos fatos já eram esquecidos, outros estavam alterados. Apesar disso, a obra é a mais extensa descrição da vida empresarial do brigadeiro, relatando parte do seu ciclo de vida que não é encontrada em outra documentação.

Conseqüentemente, não é possível a construção de uma biografia do pensamento empresarial ou político do brigadeiro similar às modernas histórias empresariais. Ele não deixou diários, cartas pessoais ou escrituração fiscal com dados suficientes para reconstituir todos seus negócios e avaliar seu pensamento organizacional. Nossa principal documentação será, portanto, a descrição de bens do inventário *post-mortem*, sua vontade expressa no testamento, alguns papéis e contas, descrições dos imóveis na Décima Urbana¹⁰, os recenseamentos da cidade de São Paulo, os registros de terras e as memórias em geral¹¹.

História de vida

Taunay foi o grande divulgador dos sucessos do brigadeiro. Segundo ele:

É tradição entre os descendentes que o brigadeiro anunciou pagar pequeno juro anual àquele que às suas burras de negociante rico quisessem recorrer, nelas desejando depositar quantias que ali ficassem como se jóias ou documentos fossem. Girando com os capitais de seus correntistas, cada vez mais avultados, à medida que se alargava o prestígio de sua fortuna, deles tirou o maior proveito, além da gratidão dos depositantes. Entusiasmados com a invenção do opulento devedor, em quem depositavam a maior confiança, manifestavam o reconhecimento comemorando o recebimento dos juros dos depósitos com a oferta ao generoso banqueiro de às vezes valiosos presentes¹².

Essa idéia é plausível, mas as informações do inventário do comerciante não a confirmam. Ao contrário, suas dívidas passivas eram mínimas em relação às dívidas

¹⁰ Sobre as propriedades urbanas de São Paulo, ver: ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros. O centro urbano de São Paulo no limiar do Oitocentos. *Revista Histórica*, Arquivo do Estado de São Paulo, São Paulo, ano 3, nº 5, p. 60–62, dez. 2001. BUENO, Beatriz P. S. Tecido urbano e mercado imobiliário em São Paulo: metodologia de estudo com base na Décima Urbana de 1809. *Anais do Museu Paulista*, USP, São Paulo, vol. 13, nº 1, p. 59-97, jan. jun. 2005.

¹¹ Parte dos dados sobre os bens do brigadeiro foi comentada em nossa tese de doutorado de 2003, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Araújo. Op. cit.

¹² Taunay. Op. cit. P. 313.

ativas como veremos a frente. A falta de informações sobre as figuras setecentistas cria todo um mistério sobre elas, especialmente sobre os ricos.

Luís Antônio de Sousa, chamado pelos genealogistas de Luís Antônio de Sousa Macedo e Queirós, nasceu em Amarante, arcebispado de Braga, aproximadamente em 1754 e faleceu em São Paulo em 1819. Era filho de Luís Antônio de Sousa e Ana Maria de Macedo, membros da pequena nobreza sem bens. Ele e o irmão, Francisco Antônio de Sousa (Amarante 1756 - Portugal 1818) vieram para a capitania de São Paulo, e participaram dos negócios de abastecimento das minas de Mato Grosso. Com esse capital, estabeleceram-se em São Paulo como produtores e exportadores de açúcar. Outro irmão, Manoel Caetano de Souza, em Portugal, representava-os em alguns negócios¹³.

Segundo Nanci Leonzo, Luís Antônio aparece residindo em Pinheiros, subúrbio da capital, em 1779. Em 1786, assentou praça como tenente agregado à companhia de cavalaria de Itu, passando a coronel em 1798, nas milícias de Sorocaba¹⁴. Em 1818, conseguiu reformar-se, sem soldo, no posto de brigadeiro. Foi guarda-mor, em 1785, da Casa de Fundição de Cananéia. Arrematou vários contratos de impostos, tais como: os subsídios literários da cidade de 1786, 1789, 1792, 1795 e 1799¹⁵, os novos impostos, os dízimos¹⁶, a décima urbana.

Desde 1785, Luís Antônio mantinha representação comercial em Sorocaba, Santos, Iguape, Vila Boa de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Lisboa, Amarante e Porto¹⁷.

Recebeu a fazenda Santa Genebra, originalmente denominada Nossa Senhora do Carmo do Morro Alto, em 1799, doada pelo Conselho Ultramarino¹⁸. Entre 1798 e 1800, recebeu três léguas de terra de comprimento e uma légua de largo na barra do rio Sorocaba, vila de Porto Feliz. Solicitou, em sociedade com o tenente Inácio Ferreira de Sá, uma sesmaria em barra de Pirapitingui, vila de Mogi Morim, em 1799. Em 1817,

¹³ Amarante tornou-se recentemente cidade, possui 61 mil habitantes, fica no distrito do Porto.

¹⁴ Leonzo. Op. cit.

¹⁵ O subsídio literário foi criado na administração pombalina, em 1772, para sustentar as primeiras letras e os cursos médios pelas diversas vilas. Um dos últimos trabalhos sobre impostos do Senado da Câmara de São Paulo, Denise Moura relaciona o subsídio literário paulista apenas sobre o corte das carnes, mas não identifica seus contratadores. MOURA, Denise A. Soares de. Poder local e o funcionamento do comércio vicinal na cidade de São Paulo (1765-1822). *História*, UNESP, vol. 24, nº 2, Franca, SP, 2005. Scielo acessado em 29/03/2007.

¹⁶ Esses contratos foram confirmados pela pesquisa de Puntschart. Op. cit.

¹⁷ N. Leonzo localizou a procuração no 2º tabelião de notas da capital, livro 1784/1789, ano 1785. Não encontramos essa procuração, pode ter extraviado quando o arquivo restaurou os livros, mas achamos várias referências a essas procurações no inventário das dívidas ativas.

¹⁸ Conforme site da prefeitura de Campinas. <http://www.djweb.com.br/barao/barao/bairros/barao.htm>

pediu uma légua de testada com 3 de fundos, no sertão de Araraquara, vila de Itu; no ano seguinte, a sociedade Vergueiro & Sousa solicitou uma légua e duas de fundos no saldo do Ribeirão do Tatu, freguesia de Piracicaba¹⁹. Essas são algumas das sesmarias documentadas, no entanto, é possível que outras terras do brigadeiro tenham sido também concedidas.

Conta-nos, Albino J. Barbosa de Oliveira, que Luís Antônio de Sousa já era muito rico, mas só tinha filhos naturais, Luís Antônio que morreu de bexigas e Margarida, casada com o boticário João Antônio Rosas. Francisco Antônio aconselhou o irmão a casar-se com a filha do capitão Antônio de Barros Penteado, fazendeiro de Itu, próspero egresso das minas também.

Barros Penteado possuía 3 engenhos, um seu e dois herdados pela esposa. Ele teve nove filhos, que se uniram aos melhores partidos da capitania. Não cremos que o dote de Genebra fosse equivalente a um engenho. O capitão faleceu em 1820, e não temos notícia que tenha deixado significativa fortuna para seus herdeiros²⁰.

Em 1797, o coronel Luís Antônio, 43 anos, casou-se com Genebra de Barros Leite, 15 anos. No recenseamento desse ano, foram registrados sete escravos nas casas de morada da Rua Ouvidor. No ano seguinte, havia o casal, 13 escravos, 2 caixeiros, Luís Antônio (18) e Joaquim José (14) e o cunhado. O coronel declarou, então, que exportara dois navios de carreira com açúcar.

Após quatro anos, declarou dois filhos, 22 escravos e 3 caixeiros. Exercia várias atividades, importava fazendas de Portugal para vender no atacado, possuía três engenhos em São Carlos, negociava tropas de bestas do sul, mantinha armazém com açúcar em Santos. Os recenseamentos seguintes foram sumários. Em 1814, negociava fazendas secas e tinha engenhos. Morava o casal, 5 filhos, Margarida, o caixeiro, 13 escravos e 16 agregados. Em 1818, vivia com Genebra, 3 filhos, 2 caixeiros e 9 escravos.

¹⁹ Conforme pesquisa da família. QUEIROZ, Luiz Roberto de Souza. *Souza Queiroz* – dicionário de família. SP: LED, 2003.

²⁰ Carlos Bacellar pesquisou os casamentos arrumados por Barros Penteado: 1. Ana Joaquina, foi casada com João Xavier da Costa Aguiar, correspondente comercial do sogro; 2. Maria, com o senador e conselheiro Francisco de Paula Souza e Mello, ituano influente na corte; 3. Angela, com José Manuel de Mesquita, negociante de escravos; 4. Escolástica, com o ouvidor geral Miguel de Azevedo Veiga; 5. Genebra, com o brigadeiro Luís Antônio; 6. Bento (Barão de Itu), 7. Antônio (B. Piracicaba), 8. Francisco Xavier, todos foram casados com as irmãs do brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, negociante e fazendeiro de Sorocaba. BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. *Os senhores da terra - família e sistema sucessório entre os senhores de engenho do oeste paulista, 1765-1855*. Dissertação de mestrado FFLCH-USP, 1987.

Interessante observar que os caixeiros eram sempre jovens entre 15 e 19 anos. É possível que os caixeiros experientes fossem deslocados para administrar as fazendas e os armazéns. Não há estudo sobre essa atividade em São Paulo.

Informações dos inventários

Os inventários do brigadeiro Luís Antônio tinham perto de 2.000 páginas²¹. Os processos do 1º Ofício do Arquivo do Judiciário de São Paulo não estavam encadernados, muitas folhas se perderam, reduzindo seu tamanho.

O arrolamento dos bens de raiz principiou pela casa de morada da Rua do Ouvidor, sobrado de quatro lanços, quintal murado, lojas e cômodos embaixo e cocheira, foi avaliada em 4:400 contos de réis. O brigadeiro foi citado também na Décima Urbana da capital de 1809, das propriedades da freguesia da Sé, com 7 casas alugadas²². Além dessas, identificamos 4 sobrados em Santos custando entre 7:200 e 4:800 contos de réis e 3 casas térreas em São Carlos, entre 800 e 200 mil réis. Nenhum outro espólio apresentou outra moradia mais cara que a propriedade social, não há trabalhos sobre Santos para comparação, mas parece-nos que as construções no porto e vila de Santos eram em média mais caras que os imóveis da capital nessa época.

Localizamos uma hipoteca de 1787, a favor do tenente Luís Antônio de Sousa, do “sítio com suas casas de 3 lanços cobertas de telhas nas paragens da freguesia de Jaguari, vila do termo de Tibaia”, do casal João Moreira de Godói e Francisca Xavier de Jesus, para fiança de 137\$085²³. É possível que as casas de aluguel proviessem de antigas hipotecas.

Luiz D`Alicourt viajou do porto de Santos para Cuiabá no final dos anos 1810 e soube que o coronel Luís Antônio possuía só em São Carlos 16 engenhos. Procuramos esses engenhos, mas só identificamos 14 engenhos em diferentes vilas. Pode ser que nossos dados estejam incompletos ou os moradores da região tenham exagerado. Mantinha ainda 2 fazendas de criar e 3 sortes de terras anexas aos engenhos.

²¹ Processo 530, 1º Ofício da capital, AJESP.

²² Araújo (2001). Op. cit.

²³ Escritura de 1787, livro do 2º Tabelião de Notas da capital. Arquivo do Estado de São Paulo, AESP.

O principal senhor de engenho é o Coronel de Milícias Luiz Antônio, morador de São Paulo, homem ajudado pela fortuna de um modo espantoso, e que possui uma das mais sólidas casas do Brasil; só ele, em Campinas, tem dezesseis engenhos, um dos quais lhe rendeu em 1817, nove contos de réis; a sua colheita anual não desce de trinta mil arrobas de açúcar, e a renda da sua casa anda em oitenta mil cruzados. Além desta, existem outras de bons fundos. A do Coronel Francisco Antônio de Sousa anda de dez, a doze mil arrobas, em cinco engenhos, quatro dos quais são próprios (...)²⁴.

As 19 propriedades rurais e as 17 urbanas representavam 12% da riqueza e os 613 escravos correspondiam a outros 12% dos bens do brigadeiro. Há indicações de sociedade do brigadeiro com o Dr. Nicolau Pereira de Campos Vergueiro em 4 engenhos e uma fazenda. O engenho Taquaral, de Constituição (Piracicaba) era administrado pelo sócio Bernardo Guedes Barreto. A sociedade Vergueiro & Sousa tinha por objetivo a fabricação de açúcar e a criação de animais, conforme escritura de 1816, do Tabelião do 1º Ofício da capital. Luís Antônio forneceu a quantia para a compra dos sítios Taquaral e Monte Alegre, obrigando-se a fornecer os fundos necessários ao aumento dos interesses sociais. Cabia-lhe o fornecimento de capital, auferido em suas propriedades de Campinas, e a Vergueiro as realizações. O dr. Vergueiro foi residir em Constituição, onde construiu a casa no pátio da matriz. Os sítios ficaram, pois, sob cuidados dos administradores: Damião de Souza Nogueira, do Limoeiro; João Paes de Almeida, do Monte Alegre; Francisco de Paula do Taquaral e Estanislau José Antunes, do Monjolinho. Em 1817, Vergueiro incorpora à sociedade o engenho Ibicaba, na sesmaria do Morro Azul, além de terras junto ao ribeirão do Tatu. Aumentou o Taquaral com a aquisição do Pau Queimado. Em 1825, foi encerrada essa sociedade de produção canavieira. Veja tabela com esses engenhos e valores.

Os instrumentos de trabalho desses engenhos eram mais caros que os encontrados nos engenhos de outros negociantes. Na fazenda Taquaral, a morada, o paiol, o moinho, a fábrica e o tendal foram avaliados por 1:119 contos, e os instrumentos de cobres, por 360\$000; na fazenda Tapera, com morada, os móveis e o paiol, 220\$000; a fábrica e o engenho de bois, 1:200; as ferramentas e o alambique, 418\$200. Nos inventários, os cobres referem-se aos instrumentos feitos com este metal, por exemplo, tachos, caldeiras, formas, fornos, alambiques, etc. Eles eram avaliados pelo peso (libra) do metal. O cobre, de 1810 a 1823, foi cotado entre 400 e 500 réis. É

²⁴ Luiz D'Alincourt. Op. cit. p.53.

possível montar uma lista dos preços dos produtos da época com as informações dos inventários.

Tabela dos engenhos dos negociantes 1800/1830

Valor dos engenhos					
Engenho	valor	libra/1000	escravos	valor	libras/1000
Ana Francisca Novaes de Magalhães, 1805					
São Carlos	8.696.794	2.391.618	29	0	0
Luis Antonio de Souza, 1819					
Anhumas	1.300.000	358.000	0	0	0
Limoeiro***	4.000.000	1.100.000	28	5.282.000	1.452.550
Monjolinho	16.359.070	4.498.744	102	16.217.050	4.459.689
Monte Alegre	8.400.000	2.310.000	26	5.369.000	1.476.475
Morro Azul***	4.200.600	1.155.165	11	2.272.400	624.910
Palmeiras	4.966.640	1.365.826	20	3.083.800	848.045
São Luis**	10.000.000	2.750.000	58	11.073.200	3.045.130
Taquaral	8.949.000	2.460.975	50	11.124.200	3.059.155
Atibaia	8.076.600	2.221.065	59	9.209.000	2.532.475
Bom Jardim	3.878.400	1.066.560	49	8.765.200	2.410.430
Quilombo*	10.525.920	2.894.628	69	12.033.000	3.309.075
Santo Antonio	2.000.000	550.000	37	7.468.000	2.053.700
Santo Antonio	4.000.000	1.100.000	79	12.313.300	3.386.158
Taquaral***	7.800.000				
Tapera	7.200.000	1.980.000	15	2.121.020	583.281
Fazendas					
Tapera	220.000	60.585			
Monjolinho***	1.800.000	495.000	10	1.677.200	60.585
Terras de fazendas					
Tapera	6.000.000	1.652.308	19	3.182.660	
Taquaral***	1.300.000	357.500	15	2.121.020	1.652.308
Santo Antonio	4.000.000	1.100.000	0	-	357.500
Joaquim Jose dos Santos, 1828					
Jundiá*	5.000.000	644.995	46	9.980.800	1.287.513
Manoel Rodrigues Jordão, 1828					
Benfica	8.000.000	1.031.992	17	6.320.000	815.273
Caçapava	800.000	103.199	3	790.000	101.909
Bonsucesso	350.000	45.150	0	-	-
São Manoel do Paraíso	16.000.000	2.063.983	91	28.855.000	3.722.265
Natal	2.000.000	257.998	23	6.447.600	831.734

*d'água
*** soc.Verg.

Fonte: inventários *post mortem* do AESP.

Analisando alguns equipamentos dos engenhos, dos comerciantes paulistas do século XIX, percebemos que a produtividade deles dependia especialmente da qualidade das terras do Oeste Paulista. Dois engenhos do brigadeiro eram movidos a água, além dele, somente Joaquim José do Santos (rico negociante de escravos) mantinha outro. Todos os demais engenhos deviam ser movimentados com juntas de bois, nos moldes dos primeiros engenhos coloniais, por isso mantinham fazendas de criar anexadas aos engenhos²⁵.

²⁵ Lembramos da tese de Celso Furtado de que a economia exportadora brasileira esteve estacionada no século XIX por não melhorar suas técnicas, ela continuava a depender exclusivamente da abundância de escravos e de terras férteis. No entanto, quando escreveu o “Declínio a longo prazo do nível de renda” esqueceu das terras roxas do Oeste Paulista. FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. RJ: F.Cultura, [1959].

Os estoques apresentaram o maior valor dos bens, a saber: açúcar (um de 233 contos de réis e outro de 160 contos de réis), aguardente (2:883\$840), as mercadorias do armazém de Santos (1:427\$420), da loja de fazendas de São Paulo (13:979\$460) e da loja de fazenda em sociedade com Assunção (10:652\$050). Os estoques de açúcar para exportação empataavam a maior parte do capital do falecido, certamente era o negócio mais lucrativo da casa Souza.

Em São Paulo, do início do século XIX, os comerciantes moravam ainda nas partes superiores dos sobrados e deixavam o térreo para os negócios e serviços. Conseqüentemente, os armazéns de Santos enumerados nos inventários, eram os quatro sobrados da Rua da Praia, próximos da atual Praça Marquês de Monte Alegre, que deviam servir de moradia para as visitas da família, clientes, administrador e caixeiro, no térreo ficavam as mercadorias, 19 escravos e estábulo.

Luís Antônio tinha o maior valor em rendas diversas do seu grupo, com 30 ações do Banco do Brasil de 30 contos de réis, 4 ações da fábrica Ipanema de 3:200 contos de réis, 2.251 contos de juros e 18:695 contos de réis de lucros comerciais. As ações não eram uma forma de diversificar os investimentos, nessa época o príncipe regente solicitava aos negociantes de grosso trato e altos funcionários a colaboração para incentivar as novas áreas da economia, eles entendiam o recado. Os grandes comerciantes da capital chegaram a investir nas fábricas ou oficinas de tecidos de São Paulo, ainda assim elas fecharam nos anos 1820²⁶.

Os itens que esclarecem melhor as atividades de um negociante são as dívidas ativas e passivas. As dívidas passivas do brigadeiro eram irrisórias, ele devia aproximadamente 34 contos de réis de compras para o gerenciamento da casa e engenhos. A prestação de contas do senador Sousa de Queirós, tutoria das propriedades da irmã, demonstra que esses engenhos produziam farta variedade de alimentos para seu abastecimento e comercialização, alguns podiam produzir inclusive móveis e equipamentos, isso explica os reduzidos gastos com a manutenção²⁷.

²⁶ Conforme Maria Regina M. C. Mello, o auge das importações de tecidos ingleses foi após 1828. MELLO, Maria Regina de M. Ciparrone. *A industrialização do algodão na cidade de São Paulo no alvorecer do século XIX (1813-1830)*. SP, 1977. Dissertação (Mestrado em História) FFLCH-USP.

²⁷ O inventário de Maria Inocência de Sousa está anexado ao da prima do mesmo nome. O senador Francisco Antônio de Souza Queiroz foi inventariante dos dois inventários. Ele descreve a tutoria do senador de 1832 a 1856. Processo nº 2058, do 1º Ofício da Família da capital do AJESP. Sobre a diversificação da economia paulista ver: LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. *Evolução da sociedade e economia escravista de São Paulo, de 1750 a 1850*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Edusp, 2005.

Os empréstimos entre comerciantes eram comuns nessa época. José Antônio Rodrigues mantinha 95% dos bens como empréstimos, seu maior devedor era o coronel Francisco Antônio de Souza. A filha do coronel, Maria Inocência emprestava o capital da irmã, Ana Maria, para investir em suas fazendas. Os parentes do brigadeiro Jordão emprestavam-lhe também dinheiro a juros²⁸. Todavia, não localizamos dívidas de pares, parentes ou outros nos passivos do brigadeiro.

Por outro lado, sua carteira de crédito era rica e diversificada. Ele havia acumulado 330 contos de réis referentes a 370 empréstimos. O menor deles era de Joaquim José dos Santos Paes no valor de 4\$000, o maior, 16 contos de réis, de Campos Vergueiro, das contas da sociedade. Eram créditos de todas as vilas paulistas, do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Rio Grande e de Portugal. Para cobrá-las, mantinha representação comercial nessas localidades. Encontramos, no arquivo de Estevão Ribeiro de Rezende do Museu Paulista, correspondência do brigadeiro solicitando ao governador de Mato Grosso para auxiliá-lo na cobrança das dívidas daquela praça.

A cobrança desses papéis era a parte mais morosa do antigo comércio. A Casa Sousa continuou recebendo dívidas e os respectivos juros nos inventários paulistas por décadas. O coronel Manoel Fernandes de Andrade, casado, negociante de escravos, residente na Rua da Freira, faleceu na freguesia de Taquary, província do Rio Grande de São Pedro do Sul em 1847. Francisco José de Azevedo, liquidante da Casa Sousa, cobrou do espólio a quantia de 7:237\$285, referente ao empréstimo a juros de 2:966\$789, de 1812. A família pagou juros de 2,51% ao ano, valor modesto se comparado à taxa atual de 12,75% ao ano²⁹.

Em seu testamento expressou alguns pedidos e deixou legados. Os legados eram aqueles de praxe: Recolhimento da Luz, Rec. S. Teresa, O.T.S. Francisco, O.T.Carmo e Igreja do Rosário dos Pretos receberam 100\$000 cada, a Santa Casa 200\$000, Boa Morte, obras da Consolação, Santa Efigênia, Remédios, São Gonçalo e altar de São Luis recebiam 50\$000 cada, Altar da Conceição e da Irmandade de São Benedito 25\$000 cada. O restante da terça, 8 contos de réis, deveria seguir para a Santa Casa de Amarante. Este último legado revela o coração apertado do imigrante mesmo bem-sucedido. A “afilhada” receberia 400\$000 e sua filha 200\$000. Todos os “brasileiros”

²⁸ Araújo, 2006. Op. cit.

²⁹ Processo 1148, 2º Ofício da família do AJESP.

enriquecidos declararam seus filhos naturais, mas não os lusitanos. Para um monte bruto de mais de 1 mil contos de réis esses legados eram bem modestos.

O restante do testamento continha recomendações ao testamenteiro e administrador, Francisco Inácio de Sousa Queirós, sobre os morgados dos três filhos varões. Nobilitar-se não era o sonho exclusivo do brigadeiro, os novos ricos da cidade de São Paulo (brigadeiro Jordão e o coronel Joaquim José dos Santos) deixaram também morgados para seus filhos.

Considerações finais

À vista do exposto, cabe-nos agora desvendar como o comandante de milícias, em menos de duas décadas, tornou-se proprietário de dezenas de engenhos, alguns em sociedade, mas a maior parte deles “comprados a pezo de dinheiro”³⁰.

Provavelmente os irmãos Sousa de Queirós não vieram totalmente desprotegidos para as terras Piratininga e minas do sertão. Essa primeira empreitada nas minas de Cuiabá pode ter sido fundamental para os empreendimentos seguintes de Luís Antônio. O pai de Genebra de Barros Leite, o capitão Antônio de Barros Penteado, havia conseguido o capital para estabelecer engenhos nas mesmas paragens.

O brigadeiro recebeu, no mínimo, cinco sesmarias da coroa, isso deve ter reduzido bastante o peso da compra das terras. Suas sesmarias estavam localizadas nas regiões mais férteis do Oeste Paulista. Segundo Suely Robles³¹, as terras de Anhumas não necessitavam de descanso.

Barbosa de Oliveira recordava que Luís Antônio já era muito rico nos anos 1790. Francisco Antônio, mais novo, casou primeiro, assentou-se nas terras de Itu, produzia, exportava açúcar e transacionava com as fazendas vindas da corte. Preparou o filho para os negócios do Brasil, em seguida retornou com a família para o Douro para viver como os nobres.

Luís Antônio era mais ousado no começo, emprestava dinheiro, negociava com tropas, carregava navios. Além disso, casou com a filha de influente família de São Paulo. Os filhos e netos do brigadeiro referir-se-iam às origens do lado materno, raramente ao lado paterno. A maioria dos engenhos fora adquirido após o casamento, o nome do sogro e cunhados deve ter facilitado seus projetos. A sociedade Vergueiro &

³⁰ Cf. N. Leonzo. Op. cit. D.H.M.P. carta de Luís Antônio de Sousa para o desemb. Estevão Ribeiro de Rezende, arquivo Marquês de Valença, em 1819, p.232.

³¹ QUEIROZ, Suely Robles Reis de. Algumas notas sobre a lavoura do açúcar em São Paulo no período colonial. *Anais do Museu Paulista*, Universidade de São Paulo, Tomo XXI, p.108-350,1967.

Sousa constituiu-se somente em 1816, quando o brigadeiro já tinha uma dezena de engenhos. A referida sociedade deve explicar especialmente o desempenho empresarial do senador Vergueiro.

Seus biógrafos falam dos contratos reais como fonte de riqueza. Parece-nos que os impostos das barreiras eram os mais importantes contratos de São Paulo, porém, o brigadeiro não os arrematou. O coronel Francisco Pinto Ferraz arrematou o registro de Curitiba e alguns dízimos na mesma época, nem assim conseguiu aproximar-se da fortuna do brigadeiro. No início do século XIX, o coronel começou a transferir seu capital comercial para os engenhos, quando faleceu, em 1832, as 10 propriedades, os 2 engenhos e demais bens valiam apenas 86 contos de réis.

O brigadeiro viveu 65 anos, ou seja, longevidade média entre os grandes negociantes, seu ciclo de vida não explicaria sua fortuna. Pinto Ferraz faleceu com 86 anos, o coronel Joaquim José dos Santos com 82 (51 contos de réis), o brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão com 47 (317 contos de réis) e o Joaquim Mariano Galvão de Moura Lacerda com 47 (181 contos de réis). Os maiores espólios haviam sido favorecidos pelas heranças, esse não fora o caso dos Sousa de Queirós.

Sobre os empréstimos dos pequenos investidores, não identificamos nenhum. Era prática dos comerciantes captarem recursos entre as pessoas das suas relações, o brigadeiro, ao contrário, preferia emprestar e cobrar juros.

Enfim, parece-nos que o brigadeiro optou por não gastar, nada dever e investir em bens de raiz. Enquanto o brigadeiro Jordão, comprava, vendia, trocava, abria e fechava sociedades, Luís Antônio foi acumulando propriedades com grande sucesso. Os recenseamentos sugerem que ele foi abandonando as múltiplas atividades para se concentrar na produção e venda de açúcar, quer dizer, preferiu guardar todos os ovos numa só cesta. Parece-nos que esse conservadorismo produziu bons resultados. Mas, qual a vantagem para a sociedade quando o capital estaciona em um só indivíduo?